

ACAJÁ

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO

O progresso da intelligencia é infallivel
havendo liberdade de fallar, escrever
e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Anno 1

Terça-feira 15 de Janeiro de 1861.

N. 5

O DESCRER.

A frieza e a indifferença glacial que tem abtido os animos dos escriptores modernos os tem feito clamar contra a esterilidade litteraria do seculo, e a descreença geral da mocidade. Este clamor, que em alguns paizes é mui justo, tem em o nosso, transgredido as raias a que elle com justiça podia tão sómente attingir. Entre nós felizmente não ha descrer; e o clamor é, as mais das vezes, ocioso e prejudicial porque entendemos que onde o ha se deve procurar banil-o, e onde elle não existe deve-se evitar de todo o modo possivel até mesmo o pensar-se nelle.

A mocidade brasileira sem attender ao pio triste da ave agoureira, que esvoaçando em torno d'ella, lhe prognostica um porvir sinistro para a litteratura patria, rasga o espesso véo que encobre os formosos horizontes litterarios, e com os seus mais arrojados vôos avança na senda do progresso. No seculo em que menos socego tem tido o genero humano, e que mais sangue se tem derramado, na actualidade, em que o estado politico de globo é aterrador, em que o interesse dos homens dando azas á industria donde lhes vêm as riquezas, desprezão as letras que não enchem seus cofres de ouro, e deixão a litteratura rastejando; finalmente a época, em que o egoismo domina em quasi toda o orbe, é bello ver-se a nossa mocidade procurando distinguir-se, e almejando a posse d'um thesouro, sem ser o do dinheiro, mas sim, o de um bem mais precioso, o do saber; é bello ver-se, que ella não poupa meios para o possuir, e que não arrepia carreira nem descrê, ainda mesmo sendo o caminho espinhoso e difficil. Ella conhece as tristes consequencias que d'ahi resultarião por que vê o exemplo de altas nações.

Em Portugal, as margens do Mondego e do Tejo, que tanto inspirarão a Camões e a Bocage, parecem ter perdido toda aquella belleza e poesia que occupou o pensamento de tão grandes homens. E por muito tempo n'esse reino de que

hoje só restão gloriosas recordações, apenas se ouviu o rouco tanger da lyra gemedora, em lugar d'aquella d'outros tempos que era cheia de gloria e de enthusiasmo. E a mocidade triste e desanimada carpia a queda litteraria de sua patria, bem como outr'ora, Mario, o filho da antiga Roma, contemplava as ruinas da soberba Carthago.

Se perguntarmos qual foi a causa da decadencia litteraria da nossa mã patria, talvez alguém nos responda:—forão as guerras civis que dilacerarão o reino, os máos governos, e emfim a ave medonha da desgraça, que pousando sobre o reino em tempos mais felizes semelhante ao colosso Rhodes, abateu os animos, tolheu as azas do genio, fez a musa abandonar o poeta e o obrigou a encostar a lyra, que já desprendia só tristes gemidos. Mas se pesquisarmos bem, conheceremos que a verdadeira causa não forão as discordias intestinas, nem os governos nem a mão da desgraça; a causa foi uma outra que ainda exercia mais influencia sobre a mocidade dedicada ás letras: foi o descrer.... O descrer sim, que se apoderou dos jovens que não tiverão bastante coragem para contemplar, sem se abater, o quadro negro em que se via Camões mendigando o pão quotidiano, e Bocage desprezado vivendo tambem na miseria.

A mocidade portugueza á vista d'um semelhante quadro, duvidou do futuro, e durante o seu descrer via o erario de sua litteratura exhaurir-se, e as letras patrias decahirem. Foi pois o horrivel desencanço a cauza principal da apathia em que por muito tempo esteve a litteratura portugueza, apathia de que ella só tenta sahir ou resurgir, sendo animada pela esperanza que deposita personificar nos Herculanos, Castilhos e outros tantos contemporaneos illustres que unidos ambicionão a restauração das letras na terra que os vio nascer. Elles o conseguirão, desde que sejam reconhecidos os genios; elles já o estão sendo a Camões; vão pagar-lhe o que lhe devem ha mais de tres seculos. A esse principe dos poetas vai erigir-se um monumento que perpetue sua memoria: é um pouco tarde, é certo, mas ainda é tempo.

Na Italia como em Portugal, se nota a mesma apathia. A oppressão estrangeira que ha tanto acabunha os filhos do jardim da Europa, o sentimento que elles tem de ver nas bellas e poeticas cidades, gemendo ou sob o fero jugo de um povo egoista, ou sob as crueldades de que é depaz um governo despotico, trouxe para elles o deserer, e o deserer mais uma vez mostrou as suas consequências fataes, derramando sobre a patria do immorredouro Tasso e do fantastico Dante o indifferentismo que fez os filhos d'essa terra abençoada esquecerem-se de suas antigas glorias, e dos nomes illustres de seus irmãos que como o cygne cantarão a belleza do céu e da natureza de sua patria até o momento em que a mão mirrada da morte os arrancou d'ella para só lembrarem-se da triste condição a que se achavão reduzidos, e da necessidade que havia de se libertarem. A Italia tambem como Portugal, não tem coragem bastante para arrostar os trabalhos; ella como Portugal, soffrendo, descreu, e descrendo como Portugal, a sua litteratura decahio, e a lyra emmadecceu tambem no paiz em que ella deu os sons mais maviosos e sublimes.

Como nestes paizes, notão-se muitos outros na Europa, e em quasi todos da America o luctuoso cortejo da deserença.

Assim pois o paiz cuja mocidade com as arterias batendo de esperanças, e coração fervendo em sonhos de gloria, tem a fronte tressuando de enthusiasmo; não lhe diminuindo as forças, nem as difficuldades que encontra na sua carreira, nem os exemplos de desanimo que lhe tem dado as outras nações, é um paiz feliz, por que tem filhos com bastante coragem para não succumbirem á vista das desgraças humanas, e que estão bem persuadidos da verdade que diz o proverbio latino *si vis, potes*. Neste caso, (que actualmante é tão raro sendo tão digno de louvor) se acha a mocidade brasileira; ella por tanto não deve fazer parte dessa sociedade cuja sorte se lamenta, e que se diz descreida; não, outra deve ser a linguagem dos escriptores quando tratarem d'ella. Ella tambem tem soffrido seus golpes bem dolorosos, mas tem tido bastante força, e grandeza d'alma para supporta-los. Assim ella vê em uma pagina negra de nossa historia, escripto com letras de sangue, os nomes de Góuzaga, de Antonio José e outros que não foram menos infelizes do que Camões e Tasso. Mais um pouco adiante ella vê que a fouce exterminadora da morte implacavel, tem ceifado muitos genios, em que ella tanto esperava, d'entre os quaos muitos foram ainda na manhã da vida como Dutra e Melho, Azevedo, Junqueira Freire e Casimiro d'Abreu. Nada porém pode diminuir sua ambição de gloria, não ha barreira que ella julgue insuperavel.

Os nossos jovens, quer se dediquem especial-

mente ás letras quer ao commercio, mostrão sempre como desejão concorrer para o engrandecimento do templo de Minerva. Nas nossas cidades mais importantes e principalmente na capital do Imperio, nós vemos associações e instituições litterarias em que se conhece a dedicação extraordinaria de jovens, que empregão o tempo que lhes sobra de suas lides commerciaes (o qual é quasi sempre bem escasso) no estudo da litteratura patria e na illustração do seu espirito, fazendo deste modo com que a sociedade civilisada conheça que a vida do homem do commercio não é incompativel com a do homem de letras como infelizmente pareceu ser por muito tempo, pelo menos em nosso paiz.

Nós devemos por tanto destacar do numero dos descreidos os nossos jovens, que tão convictos estão de que a verdadeira instrucção não se adquire senão á custa de muita força de vontade, perseverança, trabalho e em soffrer-se muitos empecilhos, de que está inçada a vida do homem, e dizer-lhes que continuem sempre cheios de enthusiasmo, sem nunca dar lugar em seus peitos ao deserer, para que um dia seus nomes ornem as paginas da historia americana, como já a ornão os Basílios da Gama, Durão, S. Carlos, Mont'Alverne, e tantos que como Tasso, Milton, Homero, Virgilio e Rosseau, legarão á patria e á posteridade obras sublimes, concepções dignas de peitos que nunca desererão.

Rio 9 de Janeiro de 1851.

F. L. DA V.

Dois genios e um só destino.

(ALVARES DE AZEVEDO E CASIMIRO DE ABREU.)

I.

O viajor que contempla a quéda dos imperios tendo diante de seus olhos as ruínas dessas mesmas nacionalidades, não pode entristecer-se mais do que o espirito humano folheando as paginas de livros que são outros tantos legados que deixão á posteridade, vultos cujos nomes são immortaes padrões de gloria.

O Brasil, paiz novo e cujos passos na carreira das letras são ainda muito lentos, já tem com tudo visto parecer muitos filhos illustres, uns chorando no exilio a familia de que para sempre se achavão separados, outros exhalando no seio della seus últimos suspiros tornando talvez mais acerba a sua dor, e outros que se não morrem phisicamente perdem a existencia moral descrendo de uma sociedade que caminha egamen-

te para o abysmo das ambições e interesses. D'entre esses vultos envolvidos hoje nas lages do sepulchro, dois há que desejamos ainda que momentaneamente fitarem suas frentes augustas, nossos olhos tímidos e escurecidos pela descrença. São elles, Alvares de Azevedo e Casimiro de Abreu.

II.

O primeiro, é o cysne da poesia *byronica* personificada n'um homem fraco e em cujo peito a paixão devorava uma alma pura. Amou no idealismo, o que na realidade não achou quem lhe recompensasse. O entusiasmo de sua intelligencia subia ao palacio para descer a taverna mais insignificante. Percorreu todo o mundo feminino, e não encontrou um só peito que entendesse o seu; era que elle não nascêra para a terra! Só encontrou beijos vendidos da messalina das ruas, ou peitos frios de mulheres que não o comprehendião. Então foi poeta; escreveu, e escreveu em dois volumes, o que muitos talentos não escreverião em vinte. Cantou essa *Noite na Taverna*, tão cheia de poesia, e onde o espirito do leitor recua de horror em cada pagina que lê. Seu espirito percorria o mundo inteiro; via as mulheres mais bellas da Italia em torno de si, enquanto sua penna percorria com velocidade o papel, onde escrevia não tudo, porém parte de seus sublimes pensamentos.

Leu muito, e quando em Byron apreciava essa melancolia e descrença do cantor do *Child-Harold*, elle regosjava-se de achar um peito igual ao seu.

Depois desta luta entre a paixão e o indifferentismo que encontrava, descreu, e a dor desta terrivel molestia em breve o sepultou nas frias lages do tumulo onde repousa tranquillo das lides da vida humana. Repousa oh! poeta, que foi longo o teu soffrir sobre a terra!

III.

Agora, uma vista d'olhos sobre o cantor das *Primaveras*. Cheio de crença e possuidor de um verdadeiro talento, Casimiro de Abreu foi um destes genios que parecem ter nascido poetas. Espirito de melancolica tristeza, porém forte e activo, elle cnservou-se puro até o instante de fechar os olhos. Nunca penetrou nesses lodoçaes que pervertem á mocidade, e sua alma virgem, só tinha santas ambições. Apaixonado e cheio de fé, julgou sempre que o mundo o comprehendera e nunca o beijo immundo do scepticismo lhe manchou a frente. Entretanto, elle soffria e muito, e quem quizer certificar-se leia o seu *Livro Negro* que faz parte de suas bellas *Primaveras*, e ali verão os suspiros tristes e melancolicos do poeta sertanejo. Entretanto a descarnada e negra mão da morte, ceifou para sempre de nós esse genio, cuja morte tantas lagrimas ar-

rançou áquelles que o conhecerão! E porque meu Deus, não haverá uma lei da natureza que immortalize a existencia na terra d'esses genios tão bellos? Necessariamente porque a terra não os merece, e elles vão no seio do Senhor fruir uma existencia a que tem jus!

IV.

E eis ahí dois filhos illustres que o Brasil hoje chora, cujos corpos ennegrecidos pelo pó da tumba, apenas se reconhecem como cadaveres! E eis dous vultos que se somem do campo da intelligencia, porque a mão da morte esgotou o sangue do entusiasmo que lhes circulava nas veias, porque absorveu as lavas da intelligencia que seus cranios expandião, porque apertou seus peitos debeis com seus braços de ferro e no auge de seu furor arrançou a vida de dous genios illustres, riscando seus nomes immortaes da lista dos viventes!...

Rio de Janeiro 10 de Janeiro de 1861.

V.

Fragmento.

...
Era uma tarde do mez de Dezembro de 18... O sol, depois de ter durante o dia allumiado com todo o seu esplendor os habitantes da pequena villa de S... situada á margem do magestoso rio Amazonas, occultava por detraz das suas bellas e viçosas margens, seus ultimos e dourados raios, que pouco a pouco perdião esse ardente calor tão sensivel nas provincias do Norte, para ceder á briza suave e deliciosa que o segue, o lugar que soberanamente occupára.

No pequeno porto da villa de S... uma linda e bem talhada barca a vapor, alegremente se balançava sobre as aguas, e como que brincava com as ondazinhas do rio que a beijavão. Seu tubo despediu, acompanhado do ruido proprio, columnas de um fumo ora espesso e negro, ora branco como a neve, que subião até confundir-se com as nuvens, e perder-se nas regiões ethereas.

Havia uma hora que assim fumegava a faceira habitante do reino de Neptuno; isso denunciava a ansiedade com que estava de deslizar-se voluptuosa pelas agoas, e avisar aos passageiros que a hora da partida era chegada.

D'ahi a poucos minutos todos os que havião destinado a sua viagem para aquelle dia; apparecerão pressurosos; não havia tempo a perder. Em seus rostos, risinhos e folgazões, lia-se perfeitamente o desejo que os possuia de deixar aquelle lugar ainda tão inculco e entregue á na-

tureza. No meio porém, desses signaes de expansivo prazer, caminhava uma joven triste e pensativa; seus olhos mostravão ainda os traços de recentes lagrimas... Ella tinha chorado. Seu rosto onde se traduzia a luta interna em que se achava seu coração, formava um verdadeiro contraste com os de seus companheiros que só transpiravão alegria e felicidade.

De vez em quando, como que a seu pezar, sua cabeça voltava-se para traz procurando transpôr o espaço e ver além. Trazia na mão um raminho de plantas cheirosas que pouco antes colhêra em uma modesta e simples sepultura, e a furto o levava aos lábios.

Via-se bem que essa joven soffria uma dôr moral muito distincta. Quem causaria assim tanta magoa?...

Em breve o commandante ordenou a ultima manobra, e a linda barquinha cortando ligeiramente as aguas do rio, desapparecia por detraz de uma das poeticas e pittorescas insuas que bordão de espaço a espaço o Amazonas.

A moça protegida pelo escuro da noite recostou-se à borda da barca; alli procurava abafar os soluços que lhe fugião do peito.

Ella tinha deixado em S...uma recordação indelevel....

E. B.

Pensamentos.

§

A esperança vale mais que a realidade.

A HERCULANO.

§

A alteza dos pensamentos annuncia a nobreza dos sentimentos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

§

Ha mais genio n'uma lagrima, que em todos os museus e bibliothecas do universo.

LAMARTINE.

§

E' na desgraça que se revela o amor.

MME. DE GIRANDIN.

§

Um só dia de um sabio vale mais que toda a vida de um tolo.

...

§

As virgens são flôres mysteriosas que se encontram nos logares solitarios.

CHATEAUBRIAND.

§

Os peiores ladrões são os tolos, porque vos roubão o vosso tempo e a vossa paciencia.

STEINE.

§

A adversidade que abate os debéis, engrandece os fortes.

SEGUR.

§

O pejo é o guarda das virtudes.

CICERO.

§

O mundo é o mar que raras vezes se mostra sereno.

SANTO AGOSTINHO.

POESIAS.

Fragmento.

.....Ridentem dicere verum
Quid vedat?.....

Horacio. Liv I. satir. 1 vers. 24.

Some-se a vida no correr dos annos
Embragados de deleite e gozos;
E tambem secca a inspiração na fronte,
Quando os prazeres nascem enganosos.

A ignea fronte, de soberba cheia,
Se curva gelida no mar das dôres,
Emquanto a vida no volver dos dias
Perde as venturas, qual arbusto as flôres.

E' triste e duro, receber calado
Tremendo, o golpe que nos traz a morte;
E não poder subtrahir ao todo
O manto augusto que nos dera a sorte....

E ver perdidas, esperanças ternas
No pó calcadas e no pó jazendo,
Qual esmeralda n'um paúl lançada
Que o caminheiro calca aos pés não vendo.

E' sempre assim, com o sigilo infame
Que o mundo paga sacrificios nobres;
E' com desprezo que se humilha a fronte
Dos infelizes que nascerão pobres.

Sedas custosas, e brilhantes gemmas
Ostenta o rico no poder firmado,
Emquanto o pobre trabalhando vive
Com o alimento no suor banhado.....

J. BARBOSA RODRIGUES.

Venenos bebidos na taça do mel.

Da morte lenta a febre me devora !
 Cadaver tão depressa...quando a aurora
 Da vida me riuou... foi triste fim !...
 Ouvir-te--nunca mais —mas adorar-te...
 Oh! sempre...até a morte!...hei de obrigar-te
 Nos olhos uma lagrima por mim.

C. C. BRANCO.

Eu amo, já sabes, eu amo essa neve
 Que sobre essas faces o Deus te lançou;
 Eu amo essas côres tão brancas, tão puras,
 Com que elle te—ornou.

Eu amo essa frente tão calma e serena,
 Que pode meu peito, minha alma enlevar,
 Nos gratos effluvios de amor sempiterno
 De um nobre almejar.

Eu amo essas tranças tão negras, tão densas,
 E o rir tão fagueiro de que elle te—ornou ;
 Eu amo esses lábios, mais doces que aquelles
 Que o Tasso cantou.

Eu amo teus olhos, teus olhos celestes
 Que às vezes despertos—parecem dormir ;
 Que assim melhor fazem melhores venturas
 Meu peito sentir.

Eu amo teus braços e mãos tão delgadas ;
 Eu amo—teu corpo mimoso e gentil :
 Eu amo das vestes airosas que vestes
 As tintas de anil.

Eu amo teus risos, teus gestos, teus ditos,
 A voz, os acenos...oh ! tudo que é teu !
 Porque me não amas também como eu amo ?
 Porque tu não amas também o que é meu?!

Se amor que o meu pague não cabe em teu peito,
 Não cabe—cruel
 Porque tu me deixas tragar socegado
 Venenos bebidos na taça do mel ?!...

Rio 4 de Outubro de 1860.

F. JUNIOR.

Canção do poeta.

(NA VIOLA)

Sou poeta, que vida regalada!
 «O poeta Fassourense.»

Sou poeta meu Deus ! Passo esta vida
 A ver se toco do infinito a méta .
 Sabem poucos que faço *poesias*,
 Sabem poucos que sou grande poeta.

Não ha vida melhor do que esta minha,
 Vivendo sem martyrios, sem cuidados !
 Que me importa as botinas serem velhas,
 Com ambos os tacões acalcanhados ?

O chapéo está russo ? está sem pello ?
 Não recciem por isso alguma briga.
 Eu sou muito pacato, o que desejo
 E' trazer — cheiazinha — esta barriga.

Se não tenho — *cunquibus* — lá na praça
 Tiro d'um tableiro umas bananas ;
 Se tenho— aos bons petiscos faço festas,
 E tomo às vezes boas *carraspanas*.

A casaca que tenho é já bem velha,
 A gravata é do tempo do *Affonsinho*;
 Mas, porisso... não perco o casamento...
 Tenho alguém que me trata com carinho.

Vou dizer-lhes quem é a minha amada:
 E' alta, preta, tem a voz divina;
 Olhos negros, bonita quitandeira
 Que tem o lindo nome de —Paulina.

Muitas vezes—oh ! quantas !— amoroso
 Quando estamos juntinhos— dou-lhe um beijo ;
 Ella da-me—talvez em recompensa —
 Vinho do Porto fino e pão com queijo.

Já lhe fiz um soneto. Com franqueza
 Ella me disse não pescara nada !
 Fiquei *desapontado* ! por dous dias
 Minha musa ficou atrapalhada !

Além d'ella—a Paulina e não a musa —
 Tive um outro namoro de espavento ;
 A pequena era bella :— eu fiz-lhe uns versos
 Promettendo de amor um juramento.

Mas, depois disso a cousa foi mais fina;
 Vi um pelintra a conversar com ella.
 Desprezei-a, fiz bem. —agora sinto
 As horas que perdi com essa bella.

Tambem tive um namoro de dous mezes;
 Mas a moça a final chamou-me *um bolas*.
 Fui valente ; lancei-lhe o meu desprezo,
 E aproveitei uns dous festões de sollas.

Minha vida na terra —é mar de rosas,
 Os meus sonhos—são sonhos de poeta ;
 Que me importa que o mundo vá gritando,
 Que me chamem talvez parvo e pateta ?

Eu me rio do mundo e d'esses homens,
 Nobres, que tem nobreza no seu ouro ;
 A viola é a minha companheira,
 Minha musa do amor — o meu thesouro.

A's vezes durmo sobre a pedra fria,
Mas ronco—como um porco—a noite inteira ;
De manhã me levanto, faço versos,
E os dias sempre vão desta maneira.

Sou poeta, meu Deus ! Passo esta vida
A ver se toco do infinito a mêta ;
Não ha nada melhor na vida inteira,
Do que a vida d'um homem que é poeta !

ALCION SENIOR.

Rio de Janeiro 2 de Janeiro de 1861.



A França e a Inglaterra.

Quando se lança os olhos sobre a historia das nações, vêm-se os odios inveterados das filhas para com as mãis patrias, se apresentarem como que fazendo garbo de sua existencia ! Longe já vai o tempo em que esses odios se cevarão em ondas de sangue de parte a parte, nessas lutas sem fim, sempre mortas e sempre revivendo : longe já vai o tempo dos príncipes Negros e das Joannas d'Arc, e ainda esses odios se não extinguirão ! Hoje, elles se revelão nas intrigas de gabinete em que a habilidade de dois homens, se exercita em supplantar a influencia de outro nos destinos do mundo.

O odio que existe entre a França e a Inglaterra, não data de hoje ; data do anno 1066 da era christã. Quando na batalha de Hastings, a realza saxonica, dava o ultimo arranco, brotava do sólo britanico, esse odio implacavel que desde Guilherme o Conquistador, até nossos dias, tem subsistido entre as duas poderosas nações do velho continente. A Inglaterra, tem sempre buscado por todos os meios, aniquilar a sua rival. A força de perseverança e da vontade tenaz que caracteriza os descendentes dos barões normandos, conseguiu chamar a si o dominio dos mares, e crear-se recursos que a natureza lhes negára e que ainda augmentou a imprevidencia dos ministros de Luiz 14º. A revogação do edito de Nantes, custou caro á França, e tarde lastimarão os autores dessa idéa, a sua leviandade. Esse acto, essencialmente impolitico, afugentando os protestantes de França fê-los refugiar-se na Inglaterra, para onde transportarão suas artes e conhecimentos. Mais tarde, quando em França surgirão as idéas novas, que como um rio impetuoso, devia se derramar pelo universo inteiro, a Inglaterra tentou levantar-lhe uma barreira, que só servio para exacerbar o impeto com que se precipitavão. A cabeça de Luiz 16º, rolando no cadafalso, foi o signal de uma revolução completa na Europa e no mundo civilizado ; o sangue do rei martyr, sagrara as idéas novas. Quando Bonaparte, elevado ao solio imperial sob o nome de Napoleão I, assumbrava o mundo com o espectáculo de uma felici-

cidade inaudita, ainda a Inglaterra se apresentou levantando a Europa inteira contra a França como se se tratasse de uma outra cruzada. Ainda uma vez vencerão as intrigas do tenebroso gabinete de S. James, e Napoleão, não aprisionado, mas trahido com o mais revoltante cynismo, com a mais negra perfidia, foi atirado aos inhospitos recelhos da tristemente celebre Ilha de S. Helena !

Não foi a sorte das armas, não foi em um combate leal, que cahio o vencedor de Austerlitz, Marango, Wagram, Mondovi e cem outras batalhas ; não ; a Inglaterra não o esperou, nem o podia esperar : abusou infamemente da lealdade do proscripto da Ilha d'Elba e em vez de receber dignamente e com a compaixão que excita o infortunio glorioso nos corações verdadeiramente nobres, cobrio os pulsos, não do vencido mas do atraído de Waterloo, com os grilhões noventa da perfidia e da traição ! Oh ! a Inglaterra deve regosijar-se da felicidade de que até aqui tem gozado, pois dia virá em que, talvez, tambem por seu turno, tenha de sentir o voraz abutre do remorso dilacerar-lhe as entranhas, e então em vão pedirá compaixão ! Não, não ha perdão para os cobardes que só se ostentão leões, perante miseras ovelhas !

Ainda no reinado de Luiz Philipe, não cessou a Inglaterra de proseguir no seu intento ; durante 18 annos fartou-se de calcar a França. Estava porém excripto que um outro Napoleão se ergueria, e levantaria do pó do aviltamento em que jazia, a terra das tradições cavalheirescas de honra e generosidade. Rebenta a guerra do Oriente, e a França estende, magnanima, a dextra á sua inimiga para tiral-a do mão passo em que a empenhou a sua politica ! Procedia a Inglaterra só levada pelo desejo de salvar a Turquia ? Procedia assim para libertar um povo oppresso ? Não, mil vezes não : é que ella sentia que nessa questão lhe ião interesses de subida importancia, e de cuja perda, o menor mal que lhe podia resultar, era o ver-se a braços com uma mais poderosa do que a sua.

E a França ! Guiada sempre por seus instinctos generosos, não pôde ver em más circumstancias, a sua mais figadal inimiga, e a Russia tanto o reconheceu que ainda hoje conserva uma decidida sympathia pela França, ao passo que não perde occasião de transtornar os planes da soberba Albion. Oh ! a politica do gabinete de S. Petersburgo, é digna filha da do gabinete de S. James !

Mas, já fômos longe de mais ; o desejo de mostrar claramente o typo caracteristico da politica ingleza, politica de traições e de enganões, arrastou-nos além do que desejava-mos, e por isso ficaremos hoje por aqui.

Gallus.

15 de Dezembro de 1860.

UMA VÍTIMA DO AMOR.

(Original Brasileiro.)

Era no theatro lyrico na noite de... Representava-se *Julietta e Romeo* em que as Sras. Charton e La Grua, fazião as delicias dos amadores desse theatro.

Entre elles achavão-se dous guapos mancebos, por nomes, Carlos e Henrique.

Carlos era um typo puramente brasileiro. Alto, moreno, gentil, de cabellos e olhos negros, enfim era um lindo rapaz.

Henrique ao contrario de Carlos, era um typo verdadeiramente inglez. Vermelho, de cabellos annelados e louros, tão louros que parecião fios de seda.

Até no genio erão differentes, pois que quando um dizia sim, o outro dizia não; mas erão amigos intimos e estudavão medicina.

Moravão em uma casa da rua de S... onde se reunião os seus amigos e collegas, afim de discutir sobre algum ponto de medicina, ou sobre a nobreza do coração feminil...

Como diziamos.... Depois de executada uma linda ouvertura, subio o panno, e começou o primeiro acto da opera.

Os nossos dous mancebos estavam assentados juntos nas cadeiras de primeira classe, pois com quanto fossem estudantes, e queira a sorte que quasi todos andem sempre com as algibeiras cheias de... vento, contudo podião os nossos aspirantes a filhos de Hypocrates, ir para as cadeiras de primeira classe, porque erão do numero dos privilegiados da fortuna, e por conseguinte, tinhão bolsa franca.

Estavão já em meio do primeiro acto, quando quebrando o silencio que reinava em todo o theatro, fez-se ouvir, em direcção á segunda ordem de camarotes, o ranger de porta que se abria, e em seguimento o ruje-ruje de roçagantes vestidos de seda.

Não havia que duvidar, pois com effeito acabavão de entrar n'um dos camarotes da segunda ordem, duas senhoras e um cavalheiro.

Todas as vistas como que por influencia magnetica convergirão para esse camarote, e os nossos dous mancebos não forão dos ultimos a lançar os seus curiosos olhares.

Depois que as duas senhoras se assentarão e acomodarão suas centenas de saias, restabeleceu-se o silencio que um momento fora quebrado na plateia, pela chegada das nossas naya-des.

Só não ponde restabelecer-se o silencio no coração de um mancebo; era no de Carlos, que queria despregar os olhos do tal camarote, mas em vão, porque o magnetismo era por demais intenso.

D'ahi a cinco minutos abaixava-se o panno

no som estridente das vozes dos Chartonistas e Lagruistas, que applaudião e pateavão simultaneamente.

Antes de proseguirmos sobre os nossos mancebos, vamos fazer o retrato das tres personagens que attrahirão a attenção de todos em meio do primeiro acto.

Uma d'ellas era um joven de 20 annos mais ou menos; pallido, magro, de cabellos pretos, e um lindo buço tambem preto. Seu semblante denotava pelo seu ar merencorio, ou tristeza por algum soffrimento amoroso, ou canção por noites passadas no meio da crapula e da libertinagem. Mas nada disso era, elle bem o sabia.

Deixemos o homem para tratarmos do bello sexo.

A segunda personagem nada menos era do que uma dessas velhas—moças, como tantas ha por esta nossa boa cidade do Rio de Janeiro, que se julgão outras Ninon de Lenelos. Coitadas! Calemos pois esses prejuizos de cabeças ôcas, e já carcomidas pelos vermes da velhice, e poupando tinta, demos a ultima de mão, e digamos que a tal senhora era uma volha gaitreira.

O pincel cahe-me da mão julgo que as tintas são pessimas, e que não poderei sequer esboçar a effigie da ultima personagem de que tenho de tratar.

Imaginai, leitores, como não seria bella uma mocinha de dezeseis annos quando muito, de estatura mais que mediana, cheia de corpo, de uma pallidez tão romantica como a das mado-nas de Raphael; uns olhos languidos e seductores como os de Cleopatra. Cabellos pretos e annelados cahião-lhe negligentemente sobre o collo setinoso como se fossem cobrinhas a serpear em torno de uma columna.

E os dentes, meu Deus! que dentes! alvos, marfinicos, ainda mais! por mais que procure na palheta cor que os imite, não posso achar! Vestia um rico vestido de seda cor de céu orlado de preto, e sobre os hombros descençava um mantelete preto que compunha todo o seu vestuario. Em volta do pescoço via-se um rico collar de brilhantes, de que se destacava uma cruz de ouro cravejada da mesma pedra. Da mesma maneira brilhavão em seus mimosos pulsos dous braceletes tambem de brilhantes. Enfim era um complexo de belleza e luxo, onde a belleza mais sobressahia porque era rara, e dessas que a primeira vista logo nos inspira amor inflndo.

Carlos ao vê-la, sentio logo essa suave emoção, que todos mais ou menos sentimos, com a vista de qualquer objecto que nos impressiona e arrouba.

Seu companheiro que não era de menos bom gosto, sentio tambem qualquer coisa de estranho, e querendo communicar a seu amigo, pu-

xou-lhe pela aba da sobrecasaca ; e entretiverão o seguinte dialogo em voz baixa:

— Carlos, Carlos, dormes ?

— Deixa-me, Henrique, estou na contemplação de um anjo ; deixa que me embriague na belleza de seu rosto .

Todo isto era dito por Carlos, e de costas viradas para o seu amigo .

— Pateta ! pois queres encontrar anjos entre as mulheres do seculo ? Insensato ! cada uma dellas é um demónio que nos enlouquece com mil attractivos ficticios, para ao depois rir-se de nós .

— Deixa-me Henrique ; já estou farto de tuas moralidades .

N'esse momento cahia o panno .

— Lá cahio o panno, anda d'ahi, vamos fumar para o saguão .

— Vai tu, que eu cá fico .

— Pois fica-te meu D. João .

E levantando-se, seguiu a massa do povo que sahia .

Carlos que não tirára os olhos da bella joven, prepara o oculo e applica-o em direcção a ella, mas oh ! infelicidade inaudita e atroz ! ella virou-lhe o rosto !...

Louco, perturbado e mudo, Carlos deixára cahir das mãos o oculo, que se fez em mil pedações pela violenta queda que soffrera .

Um espectador que ficára junto delle, não pelo mesmo motivo, pois já tinha assistido a sessenta intercalações de estações ; mas, por commodidade, perguntou-lhe se soffria algum incommodo .

Carlos continuava mudo e calis. aiixo, até que recobrando alguma placidez de espirito, pôde pronunciar algumas palavras de agradecimento para o digno ancião que se interessava por seus soffrimentos .

De repente, como que robustecido por forte energia, pucha da luneta e applica-a á linda pallida .

D'esta vez a repulsão não foi tão violenta, e segundo ella, pareceu-lhe até que ella lhe dirigira tambem o seu binoculo .

Passou-se assim todo o intervalo, até que a musica dando signal de que ia começar o segundo acto, o theatro tornou a encher-se .

Henrique retomando seu lugar junto de Carlos, disse-lhe :

— Não sabes o que perdeste em não sahir comigo ; fui vê-la de perto, passei pelo seu camarote, e então foi que pude admirar aquella belleza ! E' um anjo ! Não te affirmo, mas julgo que já me sinto apaixonado por ella .

— Sceptico ! quando te apaixonaste por uma donzella ? nunca ! porque só amas essas torpes messalinas com quem te revolves nas lobregas saturnaes, perdendo assim uma boa parte do tempo que te seria mais util se o empregasses

em teus estudos, ou na adoração de alguma virgem como aquella que ali vês !

— Ta, ta, ta, vamos ao que serve meu *santinho*. Sabes o plano que tenho em mente ?

— Não, vejamos, disse Carlos .

— Tenciono acompanhar aquella familia para vêr onde mora, porque na verdade sinto-me apaixonado pela nossa bella pallida .

Carlos ficou livido, fitou seu companheiro com olhar ameaçador, e virou se para o camarote da segunda ordem .

Sabio o panno .

Passou-se o segundo acto, e no intervalo do segundo ao terceiro, os nossos heroes estiverão quasi brigados, porque na verdade, ambos sentião arder no peito a mesma chamma .

A final, Henrique como era mais complacente e material, abandonou o proposito em que estava, e jurou a seu amigo que jámais teria pretensão alguma sobre a bella menina do camarote, e que para isso trataria de refrear no peito os impulsos de seu coração .

Depois de terem feito este doloroso pacto, em que um sahia victorioso, mas sentido porque sacrificava seu amigo que lhe era emulo ; e outro vencido, mas satisfeito, porque dava vida a um coração que talvez não batesse por muito tempo, se se visse despojado das primeiras impressões amorosas que soffrera, Henrique sahio e deixou Carlos senhor do campo .

Peio fim do ultimo acto, Carlos conseguiu um leve sorriso da bella pallida .

Ebrio de contentamento, não quiz esperar pelo final do espectáculo, e ao som dos *psios* dos espectadores, sahio da plateia e caminhou para a segunda ordem de camarotes. Quando ali chegava, abaixava-se o panno, e abrio-se a porta do fatal camarote. Collocou-se pois a alguma distancia do mesmo, e esperou que todos sabissem para acompanhar-lo .

Com effeito d'ahi a dous minutos sabisão todos, e a bella mocinha voltando-se e dando com os olhos nelle teve um sobresalto .

Carlos não se incommodou muito com isso, e seguiu até á porta principal do saguão, onde os esperava um carro em que embarcarão e partirão deixando-o na maior estupefacção .

Immediatamente elle procura um tilbury, em que se embarca e manda seguir o carro que ainda ia a pouca distancia .

(Continúa).

As reclamações e todos os mais objectos que tenham de ser entregues á redacção do *Acajã*, devem ser a ella dirigidos e entregues nesta typographia .

BIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro & Comp.^{ta}, rua do Cano n. 163